

COMO OS ACIDENTES DA NATUREZA SE TRANSFORMAM EM EVENTOS CATASTRÓFICOS PARA O SER HUMANO?

Renato Moscateli (UFG)

Resumo: O objetivo deste trabalho é duplo: primeiramente, tecer alguns comentários sobre o uso feito pelo filósofo da ocorrência de fenômenos da natureza como fatores explicativos para mudanças profundas ocorridas no comportamento humano, um recurso argumentativo presente nas duas narrativas hipotéticas; em seguida, abordar as razões que Rousseau fornece para que esses acontecimentos deixem de ser simples fatos naturais e se tornem verdadeiras catástrofes para o ser humano, as quais podem ser encontradas, por exemplo, na *Carta a Voltaire sobre a Providência*.

Palavras-chave: Rousseau – fenômenos da natureza – comportamento humano – catástrofes.

As relações entre o homem e o meio ambiente constituem um tema central nas reflexões de Rousseau. Ele aparece nas histórias conjecturais que o autor produziu para tratar da formação da sociedade e da linguagem no *Discurso sobre a origem da desigualdade* e no *Ensaio sobre a origem das línguas*, bem como no interior das teses acerca das condições de possibilidade para a boa ordem política que aparecem no *Contrato Social*. Ao considerar o quanto as várias formas da existência individual e social do homem dependem das características do espaço físico onde elas se desenvolvem, Rousseau deu um peso importante aos efeitos poderosos provocados pelo que ele chama de acidentes naturais, tais como terremotos, inundações, erupções vulcânicas e incêndios. Assim, o objetivo deste trabalho é duplo: primeiramente, tecer alguns comentários sobre o uso feito pelo filósofo da ocorrência desses fenômenos da natureza como fatores explicativos para mudanças profundas ocorridas no comportamento humano, um recurso argumentativo presente nas duas narrativas hipotéticas mencionadas acima; em seguida, abordar as razões que ele fornece para que esses acontecimentos deixem de ser simples fatos naturais e se tornem verdadeiras catástrofes para o ser humano, as quais podem ser encontradas, por exemplo, na *Carta a Voltaire sobre a Providência*. Nesse sentido, tendo como base as ideias de Rousseau, pretende-se diferenciar o que seria uma causalidade natural responsável por influenciar aspectos da vivência humana, por um lado, de uma responsabilidade humana pelos males sociais associados a eventos da natureza, por outro.

Passemos então ao primeiro desses tópicos. Em suas histórias conjecturais, Rousseau sempre ressaltou o ponto de que a busca pela satisfação das necessidades físicas e morais

representa um fator fundamental na maneira como os homens vivem. No *Segundo Discurso*, a condição original de isolamento dos seres humanos explica-se pela facilidade com que eles conseguem obter sozinhos tudo de que precisam diretamente da natureza, até mesmo porque suas necessidades nesse contexto reduzem-se às mais básicas possíveis em termos de sobrevivência. Nesse quadro, não há estímulos suficientes para que os indivíduos mudem seu comportamento selvagem para conseguirem suprir seus parcos desejos, e a perfectibilidade especificamente humana permanece adormecida. Assim, se toda a Terra fosse uma primavera constante, ou seja, se o meio ambiente fosse generalizadamente fértil e abundante em suas produções na medida requerida para sustentar facilmente a vida de todas as pessoas então existentes, jamais a humanidade teria constituído laços sociais e desenvolvido uma série de novas características intelectuais que a afastaram da rusticidade de sua constituição primitiva.

Entretanto, Rousseau diz que a natureza não é uma realidade estática. Mesmo antes que a intervenção humana sobre o mundo natural se tornasse significativa, seus próprios fenômenos já o levavam a sofrer constantes mudanças, as quais o filósofo chama de “revoluções”. Segundo ele relata no capítulo IX do *Ensaio sobre a origem das línguas*, o primeiro estado da Terra era marcado por uma produção caótica de seres vivos, tanto animais quanto vegetais: “Nesses tempos remotos, em que as revoluções eram frequentes, em que mil acidentes alteravam a natureza do solo e os aspectos dos terrenos, tudo crescia confusamente (...): nenhuma espécie tinha tempo para tomar conta do terreno que mais lhe convinha e de asfixiar nele todas as outras. Elas se separavam lentamente, pouco a pouco, e depois ocorria uma confusão que misturava tudo”¹. Os elementos pareciam estar em guerra uns contra os outros, pois embora os homens ainda não provocassem incêndios, não escavassem minas nem abatessem árvores para atingir seus objetivos, a natureza fazia espontaneamente movimentos que abalavam de um modo muito mais poderoso a face do planeta. Vulcões, terremotos, relâmpagos, dilúvios e exalações de gases provocavam em poucas horas efeitos tão imensos que dezenas de milhares de homens precisariam de um século para igualar. Esse caos, porém, era o responsável por gerar uma forma complexa de ordem, um verdadeiro equilíbrio dinâmico que a natureza se encarregava de manter entre suas produções. Todas essas revoluções eram absolutamente necessárias, argumenta Rousseau, para que o sistema natural pudesse subsistir. Sem elas, as grandes espécies animais e vegetais logo teriam absorvido as pequenas; a Terra seria habitada apenas por árvores e bestas ferozes, e, a longo prazo, todas acabariam perecendo.

Tais revoluções não poderiam deixar de influenciar também os seres humanos. Enquanto estes eram poucos e dispersos sobre o planeta, e encontravam facilmente a

¹ ROUSSEAU, J.-J. *Œuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1995. v. 5. pp. 403-404. As traduções dos textos de Rousseau e dos comentadores citados no artigo são de minha responsabilidade.

satisfação de suas necessidades, viviam sempre sob o mesmo ritmo e sob a mesma simplicidade selvagem. Mas o crescimento populacional e as alterações ambientais ocorridas em determinadas regiões tornaram a obtenção da subsistência mais árdua, forçando os indivíduos que nelas habitavam a provê-la de formas distintas daquelas com as quais estavam habituados. Um processo duplo e complementar de transformações comportamentais passou então a acontecer. Não somente a perfectibilidade despertou para capacitar os homens a inventar práticas e instrumentos eficazes na luta pela sobrevivência, como também as primeiras relações sociais emergiram pela necessidade de auxílio mútuo e pelas paixões que a convivência incitou nas pessoas mais próximas.

É interessante apontar que no *Segundo Discurso* o autor havia apresentado essas revoluções naturais responsáveis por retirar o homem de sua situação primitiva como sendo um “concurso fortuito de causas estranhas que poderiam jamais ter nascido”², de maneira que ele poderia ter permanecido para sempre nessa condição. Ao lançar mão dessa hipótese, o filósofo de certo modo isentava a divindade de qualquer culpa pelos males que resultaram da saída do estado de natureza, pois teria sido o acaso que decidiu esse acontecimento com tantas consequências funestas. Por outro lado, no *Ensaio sobre a origem das línguas* há alusões a uma Providência que teria desejado que os indivíduos abandonassem a vida selvagem de isolamento para se unirem, visto que as revoluções naturais que forçaram o surgimento das associações entre os homens foram instrumentos de que a Providência se serviu para aproximá-los³. Haveria, portanto, uma contradição entre o que é proposto nos dois textos de Rousseau? Ora, não é muito fácil afirmar com certeza qual é o papel que essa Providência assume no *Ensaio*. Trata-se apenas de uma figura de linguagem, de um recurso retórico usado pelo autor para enriquecer o texto literariamente, ou se tem, de fato, uma referência à intervenção divina no curso da história humana? Deve-se lembrar que na “Profissão de fé do vigário saboiano” contida no livro IV do *Emílio*, Rousseau critica os argumentos dos materialistas para explicar o cosmos e diz que a harmonia do Universo não advém de um mecanismo cego da matéria movida fortuitamente. Muito pelo contrário, existiria uma unidade de intenção manifesta nas relações de todas as partes componentes do Universo, uma inteligência que ordenou o sistema dos seres, pois uma fatalidade cega jamais conseguiria produzir indivíduos que pensam. Frente a essas ideias, algumas perguntas poderiam ser levantadas: essa inteligência ordenadora, também conhecida como Deus, teria criado o homem com o dom da perfectibilidade e em seguida deixado que o acaso se encarregasse de

2 ROUSSEAU, J-J. *Œuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1964. v. 3. p. 162.

3 Ver o *Ensaio sobre a origem das línguas*, p. 402. Ver também, nesse capítulo, o seguinte excerto: “Aquele que quis que o homem fosse sociável tocou com o dedo o eixo do globo e o inclinou sobre o eixo do Universo. A partir desse leve movimento, eu vejo mudar a face da Terra e ser decidida a vocação do gênero humano”. ROUSSEAU, J-J. *Œuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1995. v. 5. p. 401.

ativá-lo ou não, podendo essa qualidade permanecer eternamente supérflua caso as circunstâncias certas nunca surgissem? Tendo Deus feito o homem composto por uma substância dupla, isto é, seu corpo físico e sua alma espiritual – como Rousseau escreve em textos como o *Emílio* e a *Carta a Christophe de Beaumont* –, seria coerente pensar que todos os progressos intelectuais e morais que o ser humano é capaz de atingir, que o habilitam a ouvir a voz divina convidando-o a desfrutar das luzes e da felicidade das inteligências celestes,⁴ dependeriam unicamente de um “concurso fortuito de causas” que talvez nunca tivessem aparecido? Embora essas questões sejam instigantes, sua discussão adequada extrapola os limites deste texto,⁵ e devem ser guardadas para outra ocasião.

Como se vê nas obras de Rousseau, os fenômenos naturais que revolucionaram a face da Terra também revolucionaram a existência humana. De um animal instintivo e solitário, o homem transformou-se em um ser social e dotado de qualidades intelectuais cada vez mais avançadas, bem como em um portador de novas paixões e valores morais, ainda que nem todos contribuíssem na mesma medida para a sua felicidade. Quanto mais o meio ambiente varia em suas características, mais os seus habitantes modificam-se e adquirem costumes específicos daquela localidade. Sejam os climas frios ou quentes, os solos férteis ou estéreis, em cada região, até nas mais inóspitas, os indivíduos e as comunidades que eles formam interagem com os recursos naturais disponíveis, moldando-os de acordo com suas necessidades, ao mesmo tempo em que são moldados pela maneira como as satisfazem. Nesse processo existe uma atividade sócio-cultural, e não apenas fisiológica, de adaptação dos homens ao meio, como Rousseau explica no fragmento intitulado *Considerações sobre a influência dos climas sobre a civilização*: “O clima, o solo, o ar, a água, as produções da terra e do mar formam seu temperamento, seu caráter, determinam seus gostos, suas paixões, seus trabalhos, suas ações de toda espécie. Se isto não é exatamente verdadeiro dos indivíduos, é-o incontestavelmente dos povos; e se saíssem da terra homens totalmente formados, em qualquer lugar que isto pudesse ocorrer, quem conhecesse bem o estado de tudo o que os circunda poderia determinar seguramente o que eles se tornariam”⁶. As mil variedades na terra, escreve Rousseau, determinam a maneira de ser de seus habitantes, levando os montanheseiros ao pastoreio, os moradores dos bosques à caça, e os que vivem nas planícies à agricultura, por exemplo. Ao longo dessa atividade de adaptação, ocorre um movimento por meio do qual a causalidade que afeta a existência dos homens torna-se cada vez mais complexa:

4 Ver o *Segundo Discurso*, nota IX.

5 Sobre esse ponto, ver DERATHÉ, Robert. *Le rationalisme de Jean-Jacques Rousseau*. Paris: Presses Universitaires de France, 1948.

6 ROUSSEAU, J.-J. *Œuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1964. v. 3. p. 530

Terremotos, vulcões, incêndios, inundações, dilúvios, ao mudar repentinamente, com a face da terra, o curso que tomavam as sociedades humanas, combinaram-nas de uma maneira nova; e essas combinações, cujas primeiras causas eram físicas e naturais, tornaram-se, graças ao tempo, as causas morais que, mudando o estado das coisas, produziram guerras, emigrações, conquistas, enfim, revoluções que preenchem a história e que consideramos obra dos homens, sem remontar ao que os fez agir assim⁷.

Diante disso, podemos lidar agora com o segundo tópico proposto no início deste artigo. Afirmar que o ambiente natural tem um peso muito importante no modo como os seres humanos organizam sua existência, tal como Rousseau faz em seus textos, não significa que se esteja defendendo a noção de um determinismo geográfico, como se as forças naturais obrigassem, inexoravelmente, as sociedades a possuírem certas características em vez de outras. De acordo com o filósofo, é equivocada atribuir totalmente os rumos da história a essas condições alheias à escolha humana. Por mais que elas sejam influentes, em última instância são os homens civilizados que permitem que elas moldem sua forma de vida em menor ou maior extensão, já que eles não são movidos apenas por instintos animais. A natureza, por exemplo, cria regiões férteis e outras áridas, mas são as sociedades que habitam os solos produtivos as responsáveis por fazer com que os excedentes obtidos em seu cultivo fomentem a desigualdade econômica e todos os males decorrentes dela. Constatações como essa são essenciais para se responder à questão título deste trabalho: afinal, como os acidentes da natureza se transformam em eventos catastróficos para os seres humanos, se não é porque eles próprios, em suas interações sociais com o meio ambiente, colocam-se em situações de risco? O caso mais emblemático que nos permite entender tal realidade é aquele tratado por Rousseau na *Carta a Voltaire sobre a Providência*,⁸ na qual ele analisa os fatos relacionados com o

7 ROUSSEAU, J.-J. *Œuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1964. v. 3. p. 533.

8 Essa carta foi redigida como uma resposta ao conteúdo do Poema sobre o desastre de Lisboa, obra escrita por Voltaire na qual ele tece considerações bastante pessimistas sobre a existência do ser humano sobre a Terra e também acerca da relação entre Deus e Sua criação.

grande terremoto ocorrido em Lisboa no ano de 1755,⁹ evento que, segundo o sociólogo Russell R. Dynes, constituiu o primeiro desastre moderno da história¹⁰.

Na carta datada de agosto de 1756, Rousseau retoma uma ideia fundamental que ele já defendera no *Segundo Discurso*, dizendo que não vê “que se possa buscar a fonte do mal moral em outro lugar que não no homem livre, aperfeiçoado, portanto corrompido”¹¹. Em seguida, ele acusa os próprios cidadãos de Lisboa pela gravidade dos danos causados pelo terremoto que assolou a cidade, pois “a natureza não tinha reunido lá vinte mil casas de seis a sete andares, e (...) se os habitantes dessa grande cidade tivessem sido espalhados mais igualmente, e mais sobriamente alojados, o estrago teria sido muito menor, e talvez nulo. Todos teriam fugido ao primeiro abalo, e seriam vistos no dia seguinte a vinte léguas de lá, todos tão alegres quanto se nada tivesse acontecido. Mas é preciso ficar, obstinar-se em torno das ruínas, expor-se a novos tremores, porque o que se deixa vale mais do que o que se pode carregar. Quantos infelizes pereceram nesse desastre por terem desejado pegar, um suas roupas, outro seus papéis, outro seu dinheiro? Não sabemos que a pessoa de cada homem tornou-se a menor parte dele mesmo, e que quase não vale a pena salvá-la quando se perdeu todo o resto?”¹². José Oscar de Almeida Marques apontou nesses comentários uma marca do gênio de Rousseau, na medida em que ele levantou uma questão bastante original ao chamar a atenção

9 O terremoto em questão aconteceu na manhã de 1º de novembro, feriado católico do Dia de Todos os Santos, e causou enorme destruição em grande parte da cidade de Lisboa e no litoral do Algarves. O abalo sísmico provocou também um tsunami de vários metros de altura, e juntos os dois fenômenos levaram a milhares de fatalidades. Os danos na cidade aumentaram ainda mais pelos muitos incêndios que se alastraram durante alguns dias após o tremor sem que houvesse pessoas para combatê-lo, pois a população fugiu com medo. Existem apenas estimativas da magnitude do evento, mas geólogos atuais avaliam que o terremoto deve ter atingido entre 8 e 9 graus na escala Richter.

10 “Certamente”, afirma Dynes, “a história anterior registra muitos exemplos de eventos geofísicos, e as diferenças entre tais eventos eram tipicamente explicadas por variações em sua intensidade física. Contudo, o terremoto de Lisboa ocorreu em uma época e em um lugar que o tornaram uma parte do debate sobre a modernidade. Sua localização na Europa fez dele um tópico nos debates intelectuais do período. Esses debates tiveram um impacto maior sobre o contexto de mudança cultural do que a intensidade física do terremoto poderia implicar. O terremoto ocorreu quando havia muitas tensões entre a tradição e as novas ideias sobre o progresso. Era um tempo em que as ideias tradicionais e as instituições estavam sendo desafiadas, em que Estados-Nação estavam sendo criados, e em que as rivalidades entre os Estados levavam a tensões e conflitos. Além disso, era um tempo em que os laços da autoridade religiosa tradicional estavam sendo desafiados por um entusiasmo crescente pela liberdade e a razão. Essas importantes alterações políticas e institucionais estavam refletidas nos significados que foram conferidos ao terremoto de Lisboa”. DYNES, Russell R. The dialogue between Voltaire and Rousseau on the Lisbon earthquake: the emergence of a social science view. *Preliminary Paper*, University of Delaware (Disaster Research Center), n. 293, 1999. p. 2.

11 ROUSSEAU, J.-J. *Œuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1969. v. 4. p. 1.061.

12 ROUSSEAU, J.-J. *Œuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1969. v. 4. pp. 1.061-1.062.

para “o fato de que padrões sociais e comportamentais têm uma grande influência na ocorrência de catástrofes que afetam grandes grupos humanos, e que até então eram atribuídos apenas aos caprichos da natureza”¹³. Dessa forma, vê-se que, na ótica rousseauiana, a causa principal das mortes no terremoto não estava no fenômeno geológico em si mesmo, e sim na maneira inadequada como os cidadãos se distribuíram sobre um território sujeito a abalos, e também nos costumes corrompidos que os levaram a valorizar mais os bens materiais do que a própria vida. Afinal, complementa o filósofo, os terremotos não acontecem apenas nas zonas urbanas, mas também nos desertos; porém, não ouvimos falar deles porque não causam mal algum aos habitantes das cidades, e muito pouco aos selvagens que vivem neles. Para os que clamavam contra a injustiça de terem sofrido com o terremoto, como se a Providência divina tivesse que restringi-los unicamente às regiões desabitadas do globo, Rousseau pergunta: “Mas o que significaria tal privilégio? Seria dizer, portanto, que a ordem do mundo deve mudar segundo nossos caprichos, que a natureza deve ser submetida às nossas leis, e que para proibi-la de fazer um tremor de terra em algum lugar, nós só temos que construir uma cidade nele?”¹⁴. Sem dúvida, Rousseau não pretendia zombar das vítimas desses desastres, mas sim enfatizar que elas próprias, tanto individualmente quanto em conjunto, tinham sua parcela de culpa nos problemas pelos quais estavam passando.

De acordo com o filósofo, o processo de crescente urbanização das sociedades modernas era algo lamentável e que trazia consigo diversas consequências negativas. Mesmo sem se referir diretamente a qualquer grande cidade em especial, no *Segundo Discurso* Rousseau expõe sua opinião a respeito do que se passava em capitais como Lisboa ou Paris. Mantendo o espírito crítico de seu texto, ele condena a proliferação de atividades destinadas a suprir as necessidades artificiais que a vida em comum estimulou nos homens, atividades que têm nas cidades seu local privilegiado de desenvolvimento. “Da sociedade e do luxo engendrado por ela”, acusa Rousseau, “nascem as artes liberais e as mecânicas, o comércio, as letras e todas essas inutilidades que fazem a indústria crescer, que enriquecem e arruinam o Estado”¹⁵. Para o genebrino, aquelas produções econômicas que, na aparência, trazem o progresso para um país, na realidade são justamente as que acarretam na sua perda, pois conduzem à desvalorização dos ofícios rurais em favor dos urbanos, afastando ainda mais os homens da natureza. Ele acrescenta que

13 Marques, José Oscar de Almeida. The paths of providence: Voltaire and Rousseau on the Lisbon earthquake. *Cadernos de História da Filosofia e da Ciência*, Campinas, série 3, v. 15, n.1, jan.-jun. 2005. p. 55.

14 ROUSSEAU, J.-J. *Œuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1969. v. 4. p. 1.062.

15 ROUSSEAU, J.-J. *Œuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1964. v. 3. p. 206.

À medida que a indústria e as artes se estendem e florescem, o cultivador desprezado, sobrecarregado de impostos necessários à manutenção do luxo e condenado a passar sua vida entre o trabalho e a fome, abandona seus campos para ir procurar nas cidades o pão que deveria levar para lá. Quanto mais as capitais enchem de admiração os olhos estúpidos do povo, tanto mais se deveria sofrer vendo os campos abandonados, as terras incultas e as estradas inundadas de infelizes cidadãos transformados em mendigos ou ladrões, e destinados a um dia acabarem a sua miséria no suplício ou num monturo¹⁶.

Segundo Rousseau, os camponeses eram iludidos por falsas esperanças de uma vida mais digna nas cidades e chegavam até elas apenas para engrossar as fileiras da marginalidade, o que fazia ampliar ainda mais a pobreza que circundava as ilhas de prosperidade habitadas pela elite minoritária. Amontoados em residências insalubres e mal construídas, eles ficam expostos não apenas a epidemias, mas também a incêndios e desabamentos, riscos que podiam atingir até mesmo as casas dos indivíduos mais ricos, tal como o episódio do terremoto de Lisboa deixou evidente. Nessa capital, a quarta maior da Europa na época, muitos nobres viviam no centro, nas proximidades do palácio real, e tiveram suas propriedades arrasadas na catástrofe. A infraestrutura urbana de Lisboa teve de ser repensada, pois até então a maneira como a cidade crescia não contemplava a possibilidade de que ocorressem desastres de tão grandes proporções.

Para nossa própria época, as advertências de Rousseau parecem ter adquirido uma força ainda maior do que no séc. XVIII. Quase todos os dias, testemunhamos por meio da imprensa, ou até pessoalmente, situações de calamidades públicas relacionadas aos mesmos tipos de acidentes naturais que o filósofo menciona: terremotos recentes como os do Haiti, do Chile e do Japão, tsunamis no sudeste asiático, tornados nos Estados Unidos, enchentes e deslizamentos de terra no Brasil, todos esses fenômenos tendo causado enormes perdas humanas e materiais. A magnitude dessas catástrofes é tanto maior quanto mais elas atingem zonas urbanas densamente povoadas e com construções mal preparadas para suportá-las, como vem ficando tragicamente claro nos casos de alagamentos verificados em diversas cidades brasileiras nas quais a forma de ocupação do território impede que as águas das chuvas escoem como deveriam. Há todo um conjunto de escolhas feitas pelos homens ao longo de sua história que levaram à existência de tais circunstâncias, sobretudo nos últimos séculos, em que a Revolução Industrial e outros fatores relacionados engendraram o êxodo rural em direção a cidades cada vez maiores, e em que a devastação do meio ambiente para suprir as necessidades da produção e do consumo atingiu níveis assustadores. As mudanças climáticas

16 ROUSSEAU, J.-J. *Œuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1964. v. 3. p. 206.

resultantes desse processo atuam no sentido de agravar os impactos dos fenômenos naturais sobre as sociedades humanas, e podemos ter poucas perspectivas de melhorar essa realidade sem que façamos profundas mudanças na forma como temos organizado econômica e culturalmente nossa existência sobre a Terra.

Enfim, como Russell R. Dynes propõe, Rousseau desenvolveu uma perspectiva que pode ser descrita como a primeira concepção de uma ciência social das catástrofes naturais, a qual levaria mais duzentos anos até ser retomada de maneira sistemática¹⁷. Nessa ótica, a natureza é responsável por causar fenômenos de grandes proporções que ocorrem na Terra, mas não é a culpada pelos desastres sofridos pelos homens em decorrência desses fenômenos. Tais ocorrências são necessárias, como foi visto, para assegurar a continuidade da ordem complexa que caracteriza o sistema da natureza, e não cabe à humanidade condená-las moralmente como se fossem algum tipo de castigo divino, ou mesmo como se fossem uma prova de que a Providência não existe. Contra aqueles que usaram o terremoto de Lisboa como um argumento demonstrativo da falta de harmonia no Universo, Rousseau responde que nem tudo está bem para todas as pessoas, mas “*o todo está bem*”¹⁸, pois, a despeito dos males particulares que os acidentes naturais provocam, eles estão integrados em um mecanismo mais amplo que contribui para o bem da totalidade que constitui o mundo.¹⁹

Infelizmente, lamenta Rousseau, a maioria das pessoas não consegue enxergar isso, assim como também não é capaz de discernir que na busca por alcançar sua felicidade, elas cometem ações que as levam para o lado oposto. No *Segundo Discurso*, o autor faz um balanço das intervenções dos seres humanos sobre o meio ambiente, e conclui que os enormes esforços feitos por eles para assegurar seu bem-estar foram a causa mais importante de seus infortúnios: “o homem não tem males além daqueles que deu a si próprio” Rousseau escreve.

Não foi sem dificuldades que chegamos a nos tornar tão infelizes. Quando consideramos, por um lado, os imensos trabalhos dos homens, tantas ciências desenvolvidas, tantas artes inventadas, tantas forças empregadas, abismos

17 DYNES, Russell R. The dialogue between Voltaire and Rousseau on the Lisbon earthquake: the emergence of a social science view. *Preliminary Paper*, University of Delaware (Disaster Research Center), n. 293, 1999. p. 10.

18 ROUSSEAU, J.-J. *Œuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1969. v. 4. p. 1.068.

19 Na *Carta a Voltaire sobre a Providência*, Rousseau aponta que até mesmo os males particulares que afetam as pessoas podem estar de acordo com um bem maior para o conjunto das coisas: “Sem dúvida, este Universo material não deve ser mais querido por seu Autor do que um único ser pensante e sensível; mas o sistema deste Universo que produz, conserva e perpetua todos os seres pensantes e sensíveis, deve lhe ser mais querido do que um único desses seres; ele pode, portanto, apesar de sua bondade, ou até mesmo por causa de sua bondade, sacrificar um pouco da felicidade dos indivíduos para a conservação do todo.” ROUSSEAU, J.-J. *Œuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1969. v. 4. p. 1.067.

preenchidos, montanhas arrasadas, rochas despedaçadas, rios tornados navegáveis, terras tornadas cultiváveis, lagos vazados, pântanos drenados, construções enormes erguidas sobre a terra, o mar coberto de navios e marinheiros, e, por outro lado, pesquisamos com um pouco de meditação as verdadeiras vantagens que resultaram de tudo isso para a felicidade da espécie humana, não podemos deixar de ficar impressionados com a espantosa desproporção que reina entre essas coisas e de deplorar a cegueira do homem que, para nutrir seu tolo orgulho e não sei qual vã admiração por si mesmo, faz com que ele corra arduamente atrás de todas as misérias das quais é suscetível e que a natureza benevolente havia tomado o cuidado de afastar dele²⁰.

Entender tudo isso, de acordo com Rousseau, é indispensável para que quaisquer melhorias em termos de existência social possam ser alcançadas, por mais complexas e trabalhosas que elas se mostrem. Para nós, tais lições não significam o abandono de tudo o que já construímos como civilização, mas a necessidade de que reavaliemos os valores que guiam nossas tomadas de decisão como cidadãos e cidadãos.

How do natural phenomena become disasters for human being?

Abstract: The objective of this work is twofold: first, some comments on the use made by the philosopher of the occurrence of these natural phenomena as explanatory factors for deep changes occurred in human behavior, a feature present in both argumentative narratives hypothetical, then address the reasons that Rousseau provides for these events are no longer simple facts natural disasters and become true for humans, which can be found, eg, in the Letter to Voltaire on Providence.

Key-words: Rousseau – natural phenomena – human behavior – disasters.

Referências bibliográficas

DERATHÉ, Robert. *Le rationalisme de Jean-Jacques Rousseau*. Paris: Presses Universitaires de France, 1948.

DYNES, Russell R. The dialogue between Voltaire and Rousseau on the Lisbon earthquake: the emergence of a social science view. *Preliminary Paper*, University of Delaware (Disaster Research Center), n. 293, 1999.

20 ROUSSEAU, J.-J. *Œuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1964. v. 3. p. 202.

MARQUES, José Oscar de Almeida. The paths of providence: Voltaire and Rousseau on the Lisbon earthquake. *Cadernos de História da Filosofia e da Ciência*, Campinas, série 3, v. 15, n.1, jan.-jun. 2005.

ROUSSEAU, J.-J. *Œuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1964. v. 3. (*Collection Bibliothèque de la Pléiade*).

_____. *Œuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1969. v. 4. (*Collection Bibliothèque de la Pléiade*).

_____. *Œuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1995. v. 5. (*Collection Bibliothèque de la Pléiade*).